



OS PREJUÍZOS DA AQUISIÇÃO DE PRIMEIRA LÍNGUA TARDIA PARA A CRIANÇA SURDA

THE DETRIMENTAL EFFECTS OF LATE FIRST LANGUAGE ACQUISITION ON THE DEAF CHILD

DOI: 10.5281/zenodo.22086841



Laís Lopes Neo¹

Tereza Cristina de Oliveira Sousa²

RESUMO

A aquisição da linguagem durante o período crítico constitui um fator essencial para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social da criança. No caso dos surdos o acesso à primeira língua frequentemente ocorre de forma tardia, uma vez que a maioria nasce em famílias ouvintes que desconhecem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e, sua importância para o desenvolvimento infantil. Nesse contexto, o presente artigo discute os impactos da aquisição tardia da primeira língua para a criança surda, enfatizando os prejuízos decorrentes da ausência de *input* linguístico acessível durante o período crítico de aquisição da linguagem. Fundamentado na Teoria Gerativa, especialmente nos estudos de Chomsky (1998, 2005), o trabalho parte do pressuposto de que todo ser humano, em condições neurobiológicas favoráveis, possui uma capacidade inata para adquirir linguagem, desde que seja exposto precocemente a uma língua natural. A partir da revisão da literatura, argumenta-se que o atraso ao contato com a Libras pode comprometer o desenvolvimento linguístico, a constituição da identidade surda, a aprendizagem escolar e a aquisição da língua portuguesa como segunda língua. Conclui-se que a garantia do acesso precoce à Libras, tanto no contexto familiar quanto educacional, é indispensável para promover o desenvolvimento integral da criança surda.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem tardia. Período crítico. Libras.

1 Licenciada em Letras- Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Especialista em Português como L2 para surdos (INES). Pós graduada em Tradução e Intepretação. Mestre em Educação Bilíngue pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Pesquisadora na área de Tradução e Interpretação de textos em Língua Brasileira de Sinais.

2 Bacharel em direito. Licenciada em Letras/Libras. Especialista em direitos humanos, acessibilidade e inclusão. Pós graduada em Tradução e Intepretação. Pesquisadora na área de Tradução e Interpretação de textos em Língua Brasileira de Sinais.





ABSTRACT

Language acquisition during the critical period is an essential factor in a child's linguistic, cognitive, and social development. For deaf children, access to a first language is often delayed, as the majority are born into hearing families unfamiliar with Brazilian Sign Language (Libras) and its importance for child development. In this context, this article discusses the impact of delayed first-language acquisition on deaf children, emphasizing the detrimental effects resulting from a lack of accessible linguistic input during the critical period of language acquisition. Grounded in Generative Theory—specifically the work of Chomsky (1998, 2005)—the study proceeds from the premise that every human being, given favorable neurobiological conditions, possesses an innate capacity for language acquisition, provided there is early exposure to a natural language. Based on a literature review, the article argues that delayed exposure to Libras can compromise linguistic development, the formation of a deaf identity, academic learning, and the acquisition of Portuguese as a second language. It concludes that ensuring early access to Libras, in both family and educational settings, is indispensable for fostering the holistic development of deaf children.

Keywords: Delayed language acquisition. Critical period. Libras.

INTRODUÇÃO

A aquisição da linguagem constitui um dos processos fundamentais para o desenvolvimento humano, repercutindo diretamente nas dimensões linguística, cognitiva e social do indivíduo. No caso das crianças surdas, esse processo apresenta especificidades que merecem atenção, sobretudo quando o acesso à primeira língua ocorre de forma tardia. A ausência de uma língua plenamente acessível nos primeiros anos de vida pode comprometer significativamente o desenvolvimento linguístico e influenciar outras áreas do desenvolvimento infantil.

Este artigo tem como objetivo discutir os prejuízos decorrentes da aquisição tardia da primeira língua por crianças surdas, enfatizando a importância da exposição precoce à Língua Brasileira de Sinais (Libras) durante o período crítico de aquisição da linguagem. Parte-se do pressuposto de que o desenvolvimento linguístico depende não apenas de condições neurobiológicas favoráveis, mas também da oferta de um input linguístico acessível e contínuo nos primeiros anos de vida.

O referencial teórico adotado fundamenta-se na Teoria Gerativa, especialmente nos estudos de Chomsky (1957, 1998, 2005), segundo os quais todo ser humano nasce dotado de





uma capacidade inata para adquirir linguagem. Entretanto, para que essa capacidade seja plenamente desenvolvida, é indispensável que a criança esteja inserida em um ambiente que lhe proporcione contato frequente com uma língua natural. Nessa perspectiva, também são considerados estudos sobre o período crítico de aquisição da linguagem Lenneberg (1967), bem como pesquisas voltadas para a aquisição da Libras por crianças surdas Quadros (1997); Quadros e Cruz, 2011).

Embora a família represente, em geral, o primeiro espaço de aquisição da linguagem, essa realidade nem sempre se aplica às crianças surdas. Considerando que a maioria delas nasce em famílias ouvintes, muitas não têm acesso à Libras desde os primeiros anos de vida. Em consequência, o contato com sua língua natural frequentemente ocorre apenas no ambiente escolar, após o período considerado mais favorável para a aquisição linguística, o que pode acarretar prejuízos ao desenvolvimento da linguagem, à constituição da identidade surda, às interações sociais e à aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua.

Para discutir essa problemática, o artigo está organizado em duas seções principais. A primeira apresenta os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa, abordando a Teoria Gerativa, o período crítico e o conceito de input linguístico. Na segunda seção, discutem-se os principais prejuízos decorrentes da aquisição tardia da primeira língua por crianças surdas, com base na literatura da área. Por fim, são apresentadas as considerações finais, ressaltando a importância da garantia do acesso precoce à Libras como condição essencial para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social da criança surda.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este estudo fundamenta-se nos pressupostos da Teoria Gerativa, que compreende a linguagem como uma capacidade inata do ser humano. Nessa perspectiva, considera-se que todo indivíduo, em condições neurobiológicas favoráveis, possui um aparato biológico que lhe permite adquirir uma língua natural desde os primeiros anos de vida, desde que esteja exposto a um input linguístico acessível.





A escolha desse referencial justifica-se por sua contribuição para a compreensão do processo de aquisição da linguagem, especialmente no contexto das crianças surdas. A partir dos estudos de Chomsky (1957, 1998, 2005), entende-se que a aquisição linguística resulta da interação entre a capacidade inata para a linguagem e a exposição contínua a uma língua natural. Assim, nas seções seguintes, são discutidos os principais conceitos da Teoria Gerativa, com destaque para as noções de período crítico e de input linguístico, fundamentais para a compreensão dos efeitos da aquisição tardia da primeira língua.

Teoria Gerativa

Para entendermos melhor o processo de aquisição da linguagem, faz-se necessário diferenciá-lo do aprendizado de uma segunda língua, por exemplo. Aquisição é o desenvolvimento da linguagem que ocorre de forma natural, inconsciente e sem a necessidade de uma instrução formal e, neste processo, a criança – por meio da socialização – assimila a língua da comunidade em que está inserida. O aprendizado, por sua vez, é a compreensão de forma sistemática, consciente, sendo necessário uma instrução formal (Krashen (1978).

Segundo Pinker (2004) a linguagem é:

(...) uma habilidade complexa e especializada, que se desenvolve espontaneamente na criança, sem qualquer esforço consciente e ou instrução formal, que se manifesta sem que se perceba sua lógica subjacente, que é qualitativamente a mesma em todo o indivíduo, e que difere de capacidades mais gerais de processamento de informações ou de comportamento. (PINKER, 2004, p.4)

Percebe-se, assim, a concepção da linguagem como uma capacidade natural, inerente ao ser humano e, assim, distinta dos demais sistemas de comunicação animal, por exemplo. Ainda em relação à aquisição da linguagem, existem diferentes teorias que abordam esse processo. Algumas delas são o Behaviorismo, o Gerativismo, o Construtivismo, o Interacionismo e o Sociocognitivismo Pinker (2004); Cezário e Martelotta (2004)³.

3 Não discorremos, no presente trabalho, sobre cada uma dessas teorias porque estamos assumindo como arcabouço teórico o postulado gerativista sobre aquisição da linguagem





No que se refere ao processo de aquisição da linguagem, o Gerativismo, sob a visão inatista de língua, pôs-se contrário ao que buscou sustentar o Behaviorismo, que entendia esse processo como estímulo – resposta – reforço, considerando, portanto, o indivíduo como tábula rasa a ser estimulada para adquirir uma língua. Martelotta (2015) acrescenta, ainda, que:

para os behavioristas, dentre os quais se destacava o linguista norte-americano Leonard Bloomfield, a linguagem humana era interpretada como um condicionamento social, uma resposta que o organismo humano produzia mediante aos estímulos que recebia da interação social. Essa resposta a partir da repetição constante e mecânica, seria convertida em hábitos, que caracterizariam o comportamento linguístico de um falante. (MARTELOTTA, 2015, p. 128)

Um dos argumentos defendidos por Chomsky (1957) – contrapondo-se ao Behaviorismo – está relacionado com a criatividade linguística do ser humano. No sentido de que, uma criança, no percurso do processo de aquisição da linguagem, demonstra não apenas imitar o que lhe é ofertado pelo *input* linguístico (conceito explicado detalhadamente na subseção a seguir), mas, ao contrário, demonstra ser capaz de criar formas a partir da generalização de regras apreendidas desse *input*, reforçando a hipótese de que possuímos algo subjacente à nossa cognição que nos fornece as condições para empregarmos a língua de forma criativa.

Assim, para exemplificar, podemos citar formas produzidas por crianças ouvintes adquirindo o português, tais como “eu fazi”, que sugerem que a criança generalizou a regra verbal do tempo passado e empregou para um verbo irregular, ratificando que não se trata de mera imitação, uma vez que essa forma certamente não lhe foi ofertada por meio do *input* linguístico de um adulto. Chomsky afirma que a criatividade linguística é o principal fator que caracteriza o comportamento humano, que o diferencia dos demais sistemas de comunicação animal.

Os gerativistas também defendem a ideia da linguagem como um dispositivo inato, através de uma competência genética e interna ao ser humano. Essa capacidade linguística ficou conhecida como Faculdade da Linguagem (FL) Chomsky (1957).

Sobre a FL, Quadros (1997) afirma que:



como o próprio Chomsky (1986) explicita, E-language são artefatos e não apresentam papel relevante para a teoria da linguagem. Entretanto, a concepção de I-language, E-language e de Gramática Universal - LAD - permite afirmar que todos os seres humanos, independente dos mesmos usarem a voz ou as mãos, são dotados da faculdade da linguagem. Dessa forma, os surdos são dotados da capacidade para linguagem, eles expressam essa capacidade - I-language - através de línguas de sinais. (QUADROS, 1997, p. 17)

O conceito de competência linguística é abordado pelo gerativismo como um conhecimento interno e tácito das regras que governam a formação de frases da língua humana Chomsky (1965). Portanto, para os gerativistas o ser humano possui algo interno e inconsciente que lhe permite desenvolver língua, que lhe confere a capacidade, por exemplo, de identificar sentenças gramaticais e agramaticais na sua língua materna.

Os gerativistas também sustentam a concepção de uma Gramática Universal (GU), que corresponderia ao conhecimento de propriedades linguísticas partilhadas por todas as línguas naturais. Ou seja, um conhecimento inato da espécie humana que proporciona a aquisição da linguagem Chomsky (1957).

Portanto, pode-se dizer que todos os seres humanos, em condições neurobiológicas típicas, possuem esse conhecimento inato. Pode-se dizer, ainda, que esse conhecimento subjaz ao processo de desenvolvimento da aquisição da linguagem, permitindo-nos desenvolver a gramática de uma determinada língua. Na seção a seguir, detalhamos os conceitos de período crítico e *input*.

Período crítico e *input* linguístico

Ainda em relação ao processo de aquisição da linguagem, devem-se destacar dois conceitos abordados pelos gerativistas e que elucidam o motivo pelo qual uma aquisição tardia, por parte da criança surda, resulta em prejuízos na aquisição da língua. Assim, destrincaremos os conceitos de **período crítico** Lenneberg (1967) e ***input* linguístico**.

A existência de um período crítico se refere ao período sensível do desenvolvimento linguístico, durante o qual a exposição ao *input* linguístico proporciona a aquisição a uma





determinada língua de forma espontânea. Sustenta-se que esse período compreende aquele que vai do nascimento à puberdade, bem como se prevê que, após esse período, a aquisição da linguagem não ocorre de maneira simples, eficaz, resultando em déficits linguísticos.

O termo período crítico da aquisição da linguagem foi proposto por Lennerberg (1967). Para o autor, este período ocorre entre os primeiros anos de vida e a puberdade, como adiantamos. Esse processo tem relação com o amadurecimento biológico, já que acontece a finalização da lateralização hemisférica do cérebro.

Sobre tal período, Santana (2004) acrescenta que:

a maturação cerebral aparece como argumento-base na teoria da idade crítica. A concepção inatista sobre linguagem e mente é uma de suas bases. A faculdade da linguagem teria um tempo próprio para “desabrochar”, para acionar o dispositivo para a aquisição da linguagem. A língua seria algo, como diz Chomsky, que “acontece” com a criança, e não que a criança faz.

E, ainda, Quadros e Finger (2007) nos afirmam que:

o período crítico pode ser entendido como o “pico” do processo de aquisição da linguagem. Isso não significa que não possa haver aquisição em outros períodos da vida. As evidências para a existência desse período vêm de crianças que, por alguma razão, foram impedidas de acesso à linguagem durante esse período. Essas crianças apresentaram dificuldades (e impossibilidade de aquisição da linguagem, especialmente, da sintaxe (em nível de estrutura). (QUADROS; FINGER, 2007. p. 46)

Diante dos pressupostos descritos acima, podemos constatar que toda criança precisa ser exposta a uma língua dentro de uma determinada janela de desenvolvimento. Logo, após esse período, ocorreria uma diminuição na capacidade de aprendizagem.

No caso das crianças surdas brasileiras, sabe-se que muitas são expostas à Libras tardiamente Quadros e Cruz (2011), tendo em vista que na maioria dos casos nascem em meios ouvintes Bernardino (2000), logo, esse processo de desenvolvimento linguístico acontece no ingresso escolar. Então, algumas podem entrar em espaços com um contato





linguístico insuficiente, assim como parte dessas famílias pode não aprender Libras para se comunicar de forma adequada com a criança⁴.

Se as crianças surdas são expostas à língua de sinais na idade considerada ideal para aquisição da linguagem, de maneira adequada, isto é, em contato com usuários fluentes rotineiramente, o processo será análogo ao desenvolvimento linguístico de crianças ouvintes. Isso significa dizer que ocorrerá de forma imperativa, espontânea e sem esforço. Nesse sentido, o *input* são os chamados “dados de entrada”, ou seja, “são os dados da Língua alvo (Língua que está sendo adquirida) que os falantes dão às crianças e que auxiliam no processo de aquisição de uma Língua materna.” (PIETTA e CASAGRANDE, 2016, p. 3).

Sendo a maioria das crianças surdas filhas de pais ouvintes, logo, também sofrem com a falta do *input* linguístico acessível em suas próprias casas, durante o período sensível de aquisição da linguagem (período crítico), caso os familiares não tenham aprendido uma língua gestual. Isso, obviamente, prejudica o seu desenvolvimento linguístico e cognitivo de modo geral. Essas crianças só terão acesso à língua de sinais mais tarde, se considerarmos que muitas só entram na escola a partir dos 4 anos. No entanto, vale ressaltar que, a maior parte desses indivíduos não têm acesso ao *input* adequado nem no próprio ambiente escolar; em uma frequência significativa, capaz de despertar o processo de aquisição da linguagem de forma satisfatória.

Lacerda e Santos (2021) nos convidam a refletir acerca da aquisição da linguagem pelas crianças surdas:

Entretanto, para muitas crianças, a exposição à Libras só vai acontecer posteriormente, seja porque os responsáveis pelo diagnóstico não consideram a língua de sinais uma proposta adequada para aquelas crianças, seja porque os pais não conseguiram encontrar um lugar em que seus filhos surdos pudessem ser expostos à Libras, ou por outros motivos [...] O que se sabe é que, a não ser que as crianças surdas sejam filhas de pais surdos, o papel de propiciar a aquisição da língua será da escola. (LACERDA E SANTOS, 2021, p. 18)

Nesse sentido, o *input* linguístico é o fator responsável por ativar o conhecimento inato para que a criança desenvolva o seu conhecimento linguístico. E “isso significa dizer que o

4 Não estamos aqui fazendo referência àquelas famílias que optam pela oralização de seus filhos e não o contato com a Libras. Nosso foco é discorrer sobre as crianças que têm o acesso insuficiente à Libras.





ser humano já nasce com uma carga de conhecimentos linguísticos, porém esses conhecimentos não são ativados de forma espontânea, é necessário o contato com o meio” (OLIVEIRA e BEZERRA, 2018).

Abaixo, nota-se em Quadros e Cruz (2011) que só é possível que a criança desenvolva linguagem se inserida em um determinado meio social, cultural etc.

Ela experimenta a linguagem na interação com as pessoas à sua volta, ouvindo ou vendo a língua ou as línguas, que estão sendo usadas. Embora a linguagem envolva processos complexos, a criança “sai falando” ou “sai sinalizando” quando está diante de oportunidades de usar a língua (ou as línguas). Ela experimenta a linguagem em cada momento de interação, acionando a sua capacidade para linguagem mediante o contato com a língua usada no ambiente. Qualquer criança adquire a linguagem quando dispõe das oportunidades naturais de aquisição. (QUADROS E CRUZ, 2011, p. 15)

Outrossim, muitas vezes cabe à escola o papel de propiciar o processo de aquisição da linguagem para as crianças surdas. Porém, apontamos que, por muitas vezes, essa realidade gera prejuízos à criança, uma vez que muitas instituições não dispõem de um ambiente estimulante para o desenvolvimento da Libras, ou seja, um espaço onde o emprego da língua de sinais seja suficientemente convergente com aquilo que se precisa para o acionamento do conhecimento linguístico tácito ao indivíduo. Ocorre que seria necessário que houvesse modelos de falantes de Libras, adultos, colegas e demais profissionais da educação que fizessem circular essa língua, gerando, assim, o *input* necessário. Isto é, para que o desenvolvimento da linguagem aconteça de forma plena e eficaz é preciso que “a criança surda seja exposta à língua em diferentes contextos e não apenas quando os colegas e professores se dirigem a ela.” (LACERDA e SANTOS, 2021).

É pela linguagem que o ser humano é colocado no mundo e aprende a se comunicar, a pensar e a se organizar internamente Lacerda e Santos (2021), logo, dentro do contexto de insuficiência, a criança surda está sendo privada de ter um pleno e natural progresso, não somente o linguístico, como também o social e cognitivo, pois o contato com sua língua natural geralmente acontece com atraso ou é deficitário.





Assim, a falta do *input* linguístico também pode afetar a aquisição de uma segunda língua, já que a primeira língua adquirida dispõe uma base linguística consolidada para aquisição de outra, como ratifica Lacerda e Santos (2021).

É muito importante que a Libras esteja presente em seu universo da mesma forma que a Língua oral está no universo das crianças ouvintes para que ela possa ser adquirida de forma completa, para que a criança surda possa dominá-la e se constituir como ser da linguagem. Dessa forma, a Libras, como uma primeira língua completamente **adquirida**, lhe forneceria a base para poder **aprender** a sua segunda língua: a língua portuguesa, seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita. (LACERDA; SANTOS, 2021, p.17)

A partir da reflexão apresentada por Lacerda e Santos (2021), destacam-se os termos **adquirida** e **aprender**. Salientamos que adquirir uma língua é um processo que ocorre de forma natural; já o aprendizado necessita de uma instrução formal – geralmente, fora do período crítico – que implicaria um esforço, fator não correspondente ao processo de aquisição da língua materna, nos primeiros anos de vida.

Por fim, podemos inferir que é de suma importância que o desenvolvimento da linguagem ocorra de forma natural e prazerosa e, por isso, é fundamental que os pais de crianças surdas tenham a consciência de inserir seus filhos, o mais cedo possível, em um espaço no qual a língua de sinais seja empregada, lugares onde as crianças surdas “possam se encontrar, usar a sua língua e partilhar desejos, esperanças, problemas, conquistas. É o lugar em que a sua liberdade é mais exercida.” (LACERDA e SANTOS, 2021).

Prejuízos de uma aquisição tardia para a criança surda

Os prejuízos provenientes de uma aquisição tardia iniciam-se com o diagnóstico tardio e, principalmente, com a intervenção de proporcionar acesso ao *input* acessível também tardiamente Sigolo (2007).

Nader (2011), nos afirma que:





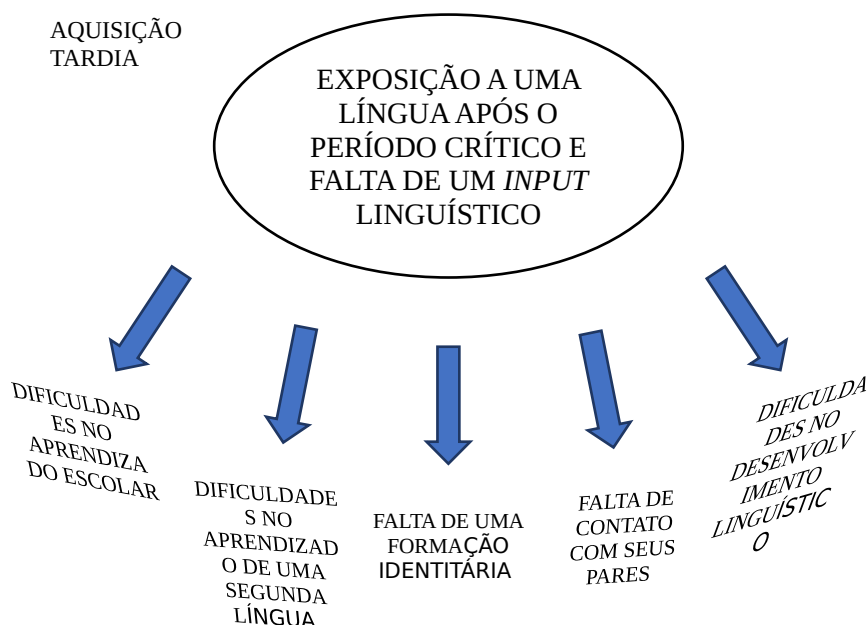
após o diagnóstico, é comum que ainda haja resistência por parte da família não só para aceitar a condição de surdo da criança, mas também para aceitar a língua de sinais. Assim, o contato tardio com a língua geralmente se constitui como uma experiência malsucedida (NADER, 2011, p.13)

Nesse sentido, Lacerda e Santos (2021) ainda acrescentam:

Para muitas crianças, a exposição à Libras só vai acontecer posteriormente, seja porque os responsáveis pelo diagnóstico não consideram a língua de sinais uma proposta adequada para aquelas crianças, seja porque os pais não conseguiram encontrar um lugar em que seus filhos pudessem ser expostos à Libras, ou por outros motivos. (LACERDA; SANTOS, 2021, p.17)

Esses fatores desencadeiam uma aquisição tardia, tendo em vista que as crianças surdas “são frequentemente expostas à língua de sinais como primeira língua em um intervalo de idade além da infância” (QUADROS e CRUZ, 2011)

Figura 1: Dificuldades geradas pela exposição tardia e pela falta de um *input* linguístico. (Imagem baseada em: QUADROS (1997); LACERDA e SANTOS (2021); SILVA (2015)).





Além dos inúmeros prejuízos, já mencionados neste trabalho, resultantes de uma aquisição da linguagem tardia, podemos apontar também que sem uma base consolidada e consistente em sua primeira língua, a criança terá grandes dificuldades ao aprender uma L2. Nesse sentido, a Libras como uma primeira língua completamente adquirida, fornece base para o surdo aprender sua segunda língua: a língua portuguesa, seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita. Lacerda e Santos (2021). As dificuldades geradas pela exposição tardia são sintetizadas a seguir:

Como é possível observar, na imagem acima, podemos intuir que prejuízos como dificuldades no aprendizado escolar, dificuldades no aprendizado de uma segunda língua, falta de uma formação identitária, falta de contato com seus pares e dificuldades no desenvolvimento linguístico, são derivados da falta de input linguístico dentro do período crítico. Assim, torna-se imprescindível que se faça atenção à importância do desenvolvimento linguístico de uma criança nos primeiros anos de vida, período no qual se tem uma janela de desenvolvimento importante para os seres humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou, portanto, primeiramente levantar o arcabouço teórico que justifique as premissas aqui dispostas. Com base nisso, desenhemos nossa preocupação no que tange à aquisição tardia de língua por parte de uma pessoa surda. Em seguida, buscamos demonstrar os possíveis prejuízos, em que se inclui a dificuldade de aprendizado de língua portuguesa como L2, decorrente de um processo de aquisição da linguagem deficitário. Assim, concluímos que é de suma importância que a família oportunize à criança surda o contato com *input* linguístico acessível a fim de proporcionar um desenvolvimento tranquilo de uma L1.

Diante do que discorremos, entende-se que todo ser humano nasce dotado de uma capacidade inata para o desenvolvimento da linguagem, porém, para isso existe um período do desenvolvimento humano, o período crítico Lenneberg (1967), em que esse processo ocorre de forma natural e espontânea, com sucesso e desempenho. Mas para o desenvolvimento dessa capacidade é necessário contato com o *input* linguístico, que provém do meio social, cultural etc.





Em Barbizet e Duizabo (1985) fica exposto que a maturação cerebral que a criança atinge após o nascimento não serve de nada sem a intervenção de fatores adquiridos, vindos do ambiente social sob a forma de estímulos que atingem seus órgãos sensoriais. Isso significa que a criança, embora nasça com a pré-disposição biológica para o desenvolvimento da linguagem e outras habilidades, faz-se necessário que o meio em que vive desperte esse seu potencial. Veja, não estamos afirmando que o meio lhe confere o conhecimento, mas, antes, que aciona o conhecimento que é inato.

Entendemos também que a Libras é uma língua natural e, por esse motivo, é passível de ser adquirida por uma criança espontaneamente, nos moldes do que ocorre com crianças típicas ouvintes, em seus primeiros anos de vida. Como evidenciado por Rodrigues (1993):

Se a língua de sinais é organizada no cérebro da mesma forma que as línguas orais, então as línguas de sinais são línguas naturais. Se as línguas de sinais são línguas naturais, então seu aprendizado tem período crítico (período ideal para a aquisição da linguagem, após esse período a aquisição é deficiente e dependendo do caso, impossível)

Por isso, compreende-se que as crianças surdas devem ser expostas à língua de sinais o mais rápido possível, dentro do período crítico, para que a aquisição linguística aconteça de forma natural e sem a possibilidade de gerar prejuízos. Isso será possível uma vez que essa criança, a despeito da surdez, possui íntegra sua competência cognitiva para a aquisição de uma série de habilidades, dentre as quais a linguística.

Em Ahlgren (1994) é relatado um projeto desenvolvido na Suécia, em que existia uma preocupação com a aquisição da linguagem em tempo hábil pelas crianças surdas. O projeto incluía o ensino de língua de sinais para os pais ouvintes e proporcionava a aquisição da língua de sinais para as crianças surdas. O autor constatou, o progresso em relação ao desenvolvimento das crianças surdas e chegou a afirmar que o processo ocorreu de forma análoga ao processo de aquisição de ouvintes. Desse modo, assim como o projeto sustentado pelo autor, apontamos que o ensino de LIBRAS deve ser fluente dentro do ambiente familiar e na comunidade escolar, de modo a proporcionar o *input* adequado para a aquisição plena.





Logo, a partir da discussão apresentada, ratificamos a grande importância da exposição de crianças surdas em ambientes propícios para o desenvolvimento de sua língua natural, além da participação dos pais nesse processo, dando suporte e incentivo. Ou seja, é necessário que esses responsáveis também busquem aprender a língua de sinais, tendo em vista que facilitará a comunicação entre pais e filhos, resultando em uma aproximação, já que existirá uma língua em comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHLGREN, I. "Sign Language as the first language." In: **Bilingualism in deaf/education**. Ahlgren & Hyldenstam (eds.) Hamburg: Signum-Verl. 1994. pp. 15-36.

BARBIZET, J; DUIZALO, P. **Manual de Neuropsicologia**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

BERNARDINO, E. L. **Absurdo ou Lógica: os surdos e sua produção linguística**. Belo Horizonte: Ed. Profetizando Vida, 2000.

CEZÁRIO, M. M.; MARTELOTTA, E. "Aquisição da linguagem". In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 205-216.

CHOMSKY, N. (1957) **Syntactic Structures**. Haia: Mouton.

_____. **Linguagem e mente**. Brasília: Editora da Unb, 1998.

_____. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

KRASHEN, S. D. "The monitor model for second-language acquisition". In: GINGRAS, R. C. (Ed.) **Second-language acquisition & foreign language teaching**. Washington: Center for Applied Linguistics, 1978. p.1-26.

LACERDA, C.B.F; SANTOS, L.F. **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. São Paulo: EdUFSCAR, 2021.

LENNEBERG, E. **Biological foundations of Language**. New York: Wiley, 1967.





MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

NADER, J. M. V. **Aquisição tardia de uma língua e seus efeitos sobre o desenvolvimento cognitivo dos surdos**. Campinas, 2011.

OLIVEIRA, F.C.; BEZERRA, K.G.C.S. **Aquisição da linguagem: algumas reflexões teóricas**. Campina Grande: realize editora, 2018.

PEREIRA, M. C. C. **Reflexões sobre a aquisição da escrita da língua portuguesa por criança surda usuária da Língua Brasileira de Sinais**. Rio de Janeiro: INES| Revista Espaço, 2015.

PIETTA, A. C.; CASAGRANDE, S. **O período crítico de aquisição da linguagem e as influências na aquisição de L2: questões teóricas**. Paraná: UFFS, 2016.

PINKER, Steven. **The language instinct**. Nova York: HarperCollins, 1994

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; FINGER, I. **Teorias de aquisição da linguagem**. Florianópolis: Editora UFSC, 2007.

QUADROS, R.M.; CRUZ, C. R. **Língua de Sinais: instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011. 159 p.

RODRIGUES, N. **Bases Neurológicas da Linguagem**. Conferência apresentada no Simpósio Internacional de Língua de Sinais e Educação do Surdo. 05 a 09 de maio de 1993, São Paulo.

SANTANA, A.P. **Idade Crítica para aquisição da linguagem**. São Paulo, 2004.

SILVA, S.G.L. **Consequências da Aquisição Tardia da Língua Brasileira de Sinais na Compreensão Leitora da Língua Portuguesa, como Segunda Língua, em Sujeitos Surdos**. Marília: Rev. Bras. Ed. Esp, 2015.

Recebido em: 05/07/2026

Aprovado em: 29/07/2026

Publicado em: 24/08/2026

